



Publicação Científica Sob Pressão: Preservar a Confiança na Era da Inteligência Artificial Scientific Publishing Under Pressure: Preserving Trust in the Age of Artificial Intelligence

 Helena Donato ^{1,2}

¹ Editora-chefe adjunta da Oftalmologia

² Serviço de Documentação e Informação Científica, Hospitais da Universidade de Coimbra, Unidade Local de Saúde de Coimbra, Coimbra, Portugal

Recebido/Received: 2026-09-18 | **Aceite/Accepted:** 2026-09-18 | **Published/Publicado:** 2026-09-26

© 2026 Oftalmologia. This is an open-access article under the CC BY-NC 4.0. Re-use permitted under CC BY-NC 4.0. No commercial re-use.

© 2026 Oftalmologia. Este é um artigo de acesso aberto sob a licença CC BY-NC 4.0. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC 4.0. Nenhuma reutilização comercial.

DOI: <https://doi.org/10.48560/rsos.49387>

A publicação científica vive um aparente paradoxo. Nunca foi tão fácil produzir, preparar e submeter um manuscrito; nunca foi tão difícil garantir que o sistema editorial das revistas dispõe dos recursos necessários para avaliar tudo o que recebe. A inteligência artificial (IA) generativa acentuou este desequilíbrio, mas não o criou.

Durante décadas, publicar consolidou-se como um dos principais indicadores de produtividade académica. Publicações, citações e outros indicadores bibliométricos condicionam a progressão na carreira, o financiamento e a reputação institucional. Este modelo contribuiu para uma cultura em que a quantidade e a rapidez podem ser recompensadas mais imediatamente do que a robustez, a transparência e a relevância da investigação.

Os sinais de pressão sobre o sistema são cada vez mais visíveis. No primeiro trimestre de 2026, as revistas que usam a plataforma ScholarOne receberam mais 33% de submissões do que no período homólogo de 2025.¹ Estes números não permitem determinar as causas do crescimento, muito menos atribuí-lo exclusivamente à IA, mas mostram a rapidez com que está a aumentar a carga sobre o sistema editorial.

É neste contexto que deve ser discutida a IA generativa. O seu uso pode trazer benefícios reais à investigação e à comunicação científica, apoiando, por exemplo, a revisão linguística, a síntese de informação e outras tarefas que consomem tempo. Estas aplicações não são, contudo, isentas de risco: mesmo uma intervenção destinada apenas a melhorar a clareza ou a legibilidade pode alterar inadvertidamente o significado do texto, pelo que o resultado exige sempre revisão humana.²

Mais preocupante é a facilidade com que estas ferramentas podem gerar conteúdo científico plausível que contém erros, enviesamentos, distorções ou referências inexistentes.³ A IA pode apoiar a preparação de um manuscrito, mas não substituir o julgamento científico dos autores nem assumir tarefas que exigem interpretação crítica. A seleção das referências, a avaliação da evidência e a fundamentação das afirmações permanecem da responsabilidade dos autores.⁴ Essa responsabilidade implica não apenas confirmar que uma referência existe, mas verificar se sustenta efetivamente a afirmação para a qual é citada.⁵

Esta exigência não nasceu com a IA. Uma revisão sistemática e meta-análise recente estimou que quase 17% das referências analisadas em publicações médicas apresentavam inexatidões e que cerca de metade dessas inexatidões eram importantes, isto é, a fonte citada não sustentava a afirmação apresentada.⁶ A IA generativa introduz, assim, menos um problema inteiramente novo do que uma nova capacidade para ampliar e acelerar fragilidades que já existiam na literatura científica.

O mesmo se aplica a outras ameaças à integridade da publicação. Fraude, *paper mills* (“fábricas de artigos”, organizações que produzem ou comercializam manuscritos científicos fraudulentos), manipulação de citações, manipulação da revisão por pares e revistas predatórias, precedem a atual geração de ferramentas. O que a IA altera é sobretudo a escala e a facilidade com que alguns destes problemas podem ser amplificados. A IA tem, neste contexto, um papel ambivalente: pode facilitar a produção de manuscritos fraudulentos, mas também apoiar as revistas na detecção de manipulação, fraude ou outras irregularidades.³

Esta dupla utilização merece atenção. Já existem ferramentas especializadas, integradas em ambientes editoriais controlados, que usam IA para apoiar a detecção de anomalias, manipulação ou potenciais situações de fraude. Estas ferramentas têm, contudo, limitações: podem produzir falsos positivos e falsos negativos e os seus resultados requerem validação humana. A suspeita gerada por um sistema automático não substitui a avaliação por parte dos editores.³ A tecnologia pode aumentar a capacidade de escrutínio, mas não elimina a necessidade de julgamento editorial.

A discussão sobre IA é frequentemente centrada na pergunta “foi escrito por uma pessoa ou por uma máquina?”. Para a integridade científica, há uma pergunta mais importante: quem responde pelo que foi escrito?

Para os autores, esta responsabilidade pode ser traduzida em orientações práticas através do enquadramento BE WISE, os seis princípios da supervisão humana na investigação apoiada por IA⁷:

- **Be transparent:** declarar de forma clara quando e como a IA foi usada;
- **Ensure accountability:** assumir plena responsabilidade pelas decisões e pelos resultados;
- **Work with the right tools:** selecionar ferramentas de IA adequadas e fiáveis;
- **Inform yourself:** conhecer as capacidades e limitações da tecnologia usada;

- **Stay traceable:** manter um registo claro dos conteúdos gerados pela IA e da seu uso;
- **Embed equity:** prevenir enviesamentos e promover a equidade.

A transparência, contudo, exige um contexto em que a declaração do uso de IA não seja, por si só, penalizadora. Se os autores recearem que o uso destas ferramentas seja interpretado em seu desfavor, o incentivo pode deslocar-se da transparência para a tentativa de tornar esse uso indetectável.⁸ A falta de clareza sobre o que deve ser declarado, em que circunstâncias e com que grau de detalhe pode acentuar este problema. Promover a transparência implica, por isso, não apenas exigir a declaração do uso de IA, mas estabelecer orientações claras sobre quando e como essa declaração é relevante. O objetivo não deve ser simplesmente determinar se foi usada uma ferramenta de IA ou reconstruir cada *prompt*, mas assegurar que os dados são fiáveis, os métodos são transparentes, os resultados são reproduzíveis e a responsabilidade pelo trabalho está claramente atribuída.⁸

As orientações editoriais refletem esta necessidade de manter o *human in the loop*: a IA pode apoiar diferentes etapas do processo científico, mas a supervisão, a validação e a responsabilidade permanecem humanas. Uma ferramenta de IA não pode ser autora porque não pode assumir responsabilidade pelo conteúdo produzido. Essa responsabilidade permanece dos autores, que devem garantir a exatidão e integridade do trabalho submetido e tornar transparente o uso relevante destas ferramentas.^{2,5,6} A impossibilidade da IA assumir responsabilidade pelo conteúdo constitui precisamente uma das razões pelas quais não pode preencher os critérios de autoria.⁹

O mesmo princípio se aplica à revisão por pares e às decisões editoriais. A IA não substitui a avaliação crítica nem transfere para a tecnologia a responsabilidade do revisor ou do editor. De acordo com as recomendações do ICMJE, os revisores devem respeitar a política da revista relativamente ao uso destas ferramentas, e a confidencialidade do manuscrito deve ser preservada. A introdução de material submetido em sistemas nos quais essa confidencialidade não possa ser assegurada inviabiliza a sua utilização.^{2,3,9}

Este ponto torna-se particularmente relevante num sistema em que autores, revisores e editores já trabalham sob crescente pressão. Se a IA permitir aumentar o volume e a rapidez da produção científica sem um aumento correspondente da capacidade de avaliação, o risco é aprofundar

o desequilíbrio entre uma produção cada vez mais rápida e os recursos humanos disponíveis para assegurar o necessário escrutínio científico.

A publicação científica depende de confiança: confiança de que os dados correspondem ao trabalho realizado; de que as referências sustentam as afirmações apresentadas; de que a revisão por pares ocorreu de forma independente; e de que existem pessoas identificáveis e responsáveis pelo conteúdo publicado.

Preservar essa confiança exigirá certamente melhores ferramentas de apoio editorial e mecanismos mais eficazes para identificar manipulação e fraude. Mas a resposta não pode ser exclusivamente tecnológica. As próprias ferramentas de deteção têm limitações e requerem validação e supervisão humanas.³

São igualmente necessárias políticas editoriais claras sobre o uso de IA, formação de autores, revisores e editores, reforço da capacidade editorial e reconhecimento adequado do trabalho de revisão por pares. A literatura recente sublinha, precisamente, a necessidade de políticas transparentes e de formação das equipas e conselhos editoriais para acompanhar estas mudanças.

A inteligência artificial não criou a crise de incentivos da publicação científica. Também não criou a fraude, a pressão para publicar ou a escassez de revisores. Mas tornou possível aumentar a velocidade e a escala da produção científica sem garantir um aumento equivalente da qualidade ou da capacidade humana para avaliá-la criticamente.

É aí que reside o verdadeiro desafio. O futuro da publicação científica não dependerá apenas da quantidade de conhecimento que conseguirmos produzir, mas da nossa capacidade de distinguir o conhecimento em que podemos confiar.

RESPONSABILIDADES ÉTICAS

Conflitos de Interesse: Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse.

Apoio Financeiro: Este trabalho não recebeu qualquer subsídio, bolsa ou financiamento.

Proveniência e Revisão por Pares: Solicitado; sem revisão externa por pares.

ETHICAL DISCLOSURES

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Commissioned; without external peer review.

REFERÊNCIAS

1. Dahl J. Is Growth Always Good News? 2026 Article Submission Surges [2026 Sep 17] Disponível em: <https://scholarlykitchen.sspnet.org/2026/05/13/guest-post-is-growth-always-good-news-2026-article-submission-surges/>
2. Elston DM. Artificial intelligence: The good, the bad, and the ugly. *J Am Acad Dermatol.* 2025;93:1413-4. doi:10.1016/j.jaad.2025.08.039.
3. Kocak Z. Publication ethics in the era of artificial intelligence. *J Korean Med Sci.* 2024;39:e249. doi:10.3346/jkms.2024.39.e249.
4. Leung TJ, de Azevedo Cardoso T, Mavragani A, Eysenbach G. Best practices for using AI tools as an author, peer reviewer, or editor. *J Med Internet Res.* 2023;25:e51584. doi:10.2196/51584.
5. Resnik DB, Hosseini M. Hallucinated citations produced by generative artificial intelligence may constitute research misconduct when citations function as data in scholarly papers. *Account Res.* 2026;2645390. doi:10.1080/08989621.2026.2645390.
6. Baethge C, Jergas H. Systematic review and meta-analysis of quotation inaccuracy in medicine. *Res Integr Peer Rev.* 2025;10:13. doi:10.1186/s41073-025-00173-z
7. Frontiers. BE WISE: the six principles of human oversight in AI-assisted research. Lausanne: Frontiers Media SA [consultado 2026 Sep 18]. Available from: <https://www.frontiersin.org/ai-playbook/be-wise-framework>
8. BaHammam AS. The Transparency Paradox: Why Researchers Avoid Disclosing AI Assistance in Scientific Writing. *Nat Sci Sleep.* 2025;17:2569-74. doi: 10.2147/NSS.S568375
9. International Committee of Medical Journal Editors. Recommendations for the conduct, reporting, editing, and publication of scholarly work in medical journals [consultado 2026 Sep 17]. Disponível em: <https://www.icmje.org/recommendations/>



**Corresponding Author/
Autor Correspondente:**

Helena Donato

Serviço de Documentação e Informação Científica, Hospitais da Universidade de Coimbra, Praceta Prof. Mota Pinto, 3004-561 Coimbra, Portugal
E-mail: helenadonato@ulscoimbra.min-saude.pt



ORCID: 0000-0002-1905-1268